

---

## **ENTREVISTA COM A PROFESSORA CRISTINA PECEQUILO (UNIFESP)**

### **1. Poderia nos contar um pouco da sua trajetória acadêmica e profissional e como surgiu o interesse pelo estudo das relações internacionais?**

A trajetória na área inicia-se em 1991, durante o último semestre do curso de graduação em Ciências Sociais na USP. Neste semestre, tive a oportunidade de realizar um curso com o Professor Doutor Braz José de Araujo que estava inaugurando o NAIPPE, Núcleo de Análise de Políticas e Estratégicas na universidade que tinha como objetivo impulsionar o estudo de temas de Relações Internacionais na academia, em particular na USP. Uma das linhas de pesquisa era sobre a política externa das grandes potências, Japão, Alemanha, Estados Unidos, e parceiros do Brasil como Argentina. Assim, o Professor estava precisando de alunos dispostos a estudar estes temas, que soubessem inglês, e me inseri no núcleo para pesquisar a política externa dos EUA. Com isso, era fundamental entender a posição dos EUA no mundo para entender o lugar do Brasil, um ponto de vista diferente e inovador na academia naquele momento. Com isso, iniciei a trajetória na área, trabalhando no NAIPPE e depois no NUPRI (Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais na USP), fiz o mestrado (1995) e doutorado (2000) em Ciência Política na USP, com área de concentração em Relações Internacionais. Neste período, também comecei a ministrar aulas, primeiro nas especializações em Ri do NUPRI, seguindo a aulas em cursos de graduação em Relações Internacionais no UNIBERO e na FAAP em São Paulo, de 2001 a 2006, de 2006 a 2010 fui Professora na UNESP Marília também no curso de Relações Internacionais, e desde 2010 estou na Universidade Federal de São Paulo, no processo de implementação do Campus Osasco e do curso de Relações Internacionais, em funcionamento desde Março de 2011. Igualmente, sou pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da



Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NERINT/UFRGS) e da Universidade de Brasília (UnB), colaborando com diversos sites e com livros na área.

## **2. Em sua opinião, como está evoluindo o ensino das relações internacionais no Brasil e qual é o papel do estudante na área?**

Nos últimos dez anos, observamos um processo rápido de expansão dos cursos de RI no Brasil, mas que hoje passa por um processo de seleção e adaptação principalmente na graduação, visando uma maior qualidade dos mesmos. O papel do estudante é cobrar seus cursos, sejam em universidades privadas ou públicas, por um ensino de qualidade em termos de professores, acesso a recursos de ensino como livros, dentre outros. Porém, esta atuação não deve ser só de cobrança, mas sim de atuação cooperativa com suas universidades e professores para facilitar o adensamento da área. A ideia é "vestir a camisa" com muito trabalho e dedicação, compreendendo que estamos em um processo de construção e de afirmação da autonomia e da identidade de nossa área, com suas especificidades nacionais e regionais.

## **3. Quais são as perspectivas para o mercado de trabalho do analista de relações internacionais?**

As perspectivas são positivas, mas podem, e devem ser ampliadas, a partir de um trabalho mais direcionado a estudantes, professores e universidades no sentido de divulgar o profissional de RI, o que ele pode oferecer. É preciso ainda abrir espaços e ser reconhecido como analista. Assim, é um trabalho conjunto de capacitação, divulgação e atuação direcionada quando dentro das empresas e todos os setores que podem absorver profissionais de RI. Não existe uma "imagem pronta" do analista, como de um advogado, engenheiro ou médico, com isso, temos que solidificar nossos espaços e buscar a consolidação de nossas ações.



**4. Em sua opinião, quais são as áreas (energia, commodities, terceiro setor, entre outras) mais promissoras para a atuação do analista de relações internacionais?**

Todas estas áreas possuem elevado potencial de empregabilidade, pois encontram-se em expansão e ainda com poucos profissionais do setor. Precisamos nos concentrar em abrir espaços e nos fazer cada vez mais conhecidos pela competência e pró-atividade.

**5. Implementar a formação em Licenciatura, no curso de Relações Internacionais, seria uma boa opção para ampliar o mercado de trabalho e a inserção na sociedade para o analista de RI?**

Acredito que não, este é um mito que se criou, assim como o da reserva de mercado ou do registro profissional para profissionais de RI. A área é diversa, possui potencial de empregabilidade, mas precisa ser mais conhecida e mais adensada. Acho que devemos nos concentrar em aparecer e crescer na sociedade, com solidez, sem limitar possibilidades de ação.

**6. Por que existem tão poucos internacionalistas no jornalismo brasileiro?**

O jornalismo brasileiro busca pouco os especialistas, focando nos generalistas, o que, em parte, deriva da sua preocupação com a reserva de mercado existente. Assim, são poucos os espaços para especialistas/comentaristas de todas as áreas e não somente de RI. Igualmente, existe ainda uma tendência a se traduzir artigos do jornalismo internacional a se buscar uma produção própria nacional sobre o tema.



**7. Os institutos de pesquisa e os “think-tanks” são estratégicos para propagar a importância do trabalho do analista de relações internacionais? E o que esses institutos podem auxiliar no desenvolvimento da política externa brasileira?**

Os institutos e think-tanks são fundamentais, pois se consistem em via de empregabilidade e maior atuação sistemática dos profissionais na área realizando uma ponte necessária entre academia-governo-negócios-sociedade, o que torna mais visível a atuação do profissional. Facilitariam, além disso, a ampliação do debate à sociedade, criando uma visão brasileira sobre temas de relações internacionais.